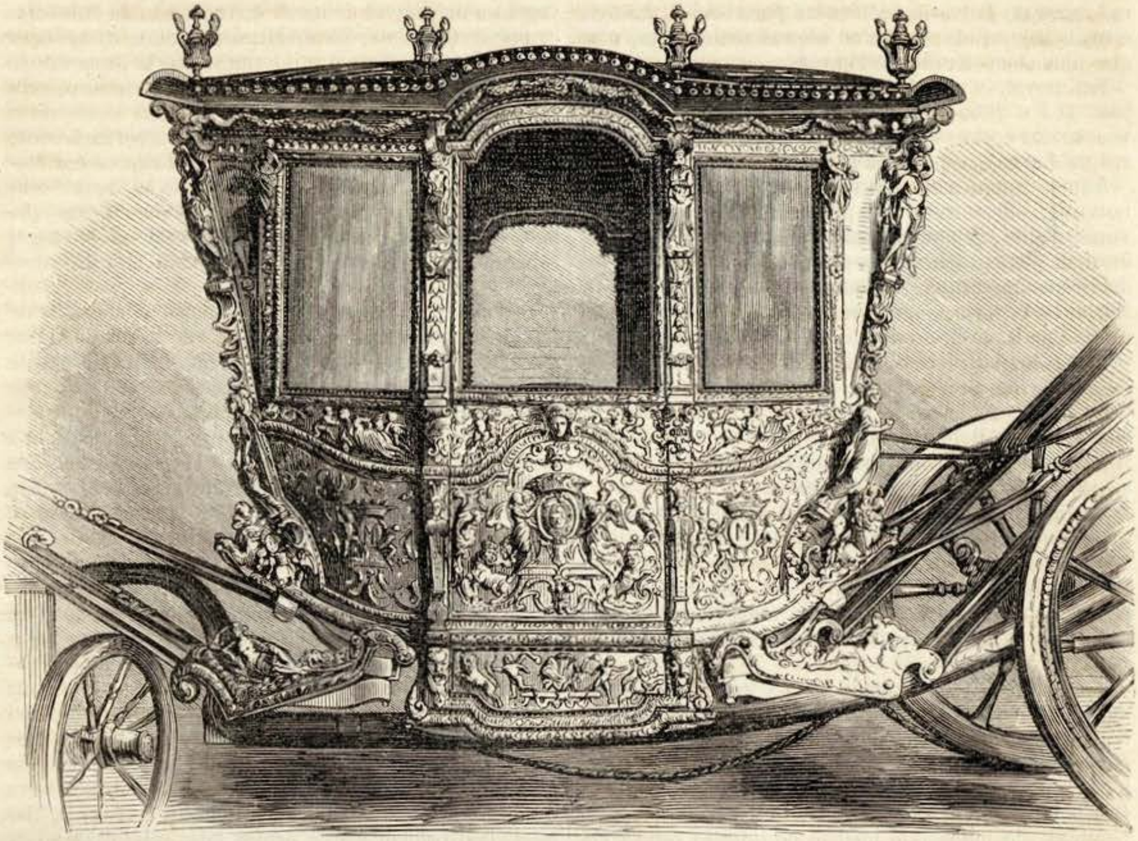


Coche da rainha D. Marianna Victoria

COCHES ANTIGOS DA CASA REAL

I

COCHE DA RAINHA D. MARIANNA VICTORIA

Cremos, e temol-o ouvido a estrangeiros distinctos, que tem visitado, como viajantes curiosos e intelligentes, as principaes cortes da Europa, que nenhuma outra nação possue, como Portugal, uma collecção tão numerosa, tão magnifica e variada de coches reaes dos seculos XVII e XVIII.

A França possuiu n'este genero muitas riquezas e preciosidades artisticas, porque coincidiu um grande desenvolvimento nas artes com os reinados dos dois soberanos que mais inclinados foram ao luxo, e que maior fausto e magnificencia ostentaram na corte franceza. Não era preciso, sem dúvida, pôr aqui os nomes de Luiz XIV e Luiz XV para que os nossos leitores soubessem de quem fallavamos. Infelizmente, apenas restam poucos vestigios d'essa passada grandeza, que, embora significasse ostentações de vaidade, eram taes objectos muito para ver e admirar, e tambem muito apreciaveis para o estudo, porque apresentavam um quadro fiel do estado das artes na epocha em que estas mais floresceram na França. A revolução de 1789, de 1830 e de 1848, envolvendo no mesmo anathema a realeza e os objectos que mais symbolisavam o seu poder e esplendor, fizeram pedaços ou reduziram a cinzas quasi todos os coches reaes, ao mesmo tempo que lançaram por terra o throno de Luiz XVI, de Carlos X e de Luiz Filippe.

A Inglaterra não foi tão opulenta n'estas galas. A rainha Isabel, que foi a primeira pessoa que andou em coche no seu reino, era extremamente vaidosa, e amava, por conseguinte, a ostentação. Mandou, portanto, fazer soberbos coches, mas a todos esses vehiculos, bem como aos de que usaram os reis seus successores, Thiago ou Jacques I e Carlos I, aconteceu-lhes o mesmo que aos de França: desappareceram por occasião da revolução que estabeleceu a republica sobre o cadafalso do segundo d'estes soberanos. Depois do restabelecimento da monarchia não sobresaíu a corte ingleza pelo luxo excessivo das suas equipagens. Parece-nos que os unicos, ou, pelo menos, melhores coches antigos que ao presente se conservam na Inglaterra, são os que costumam servir no prestito do lord maire no dia em que vae tomar posse, com muita solemnidade, d'este cargo de eleição popular. Esses coches, porém, são muito inferiores aos de segunda ordem da casa real portugueza.

A Hespanha, onde Filippe II introduziu o uso dos coches, e cuja corte é conhecida e apontada desde tempos antigos pelo rigor da etiqueta, pelo apparato das ceremonias, e pelo esplendor que cerca o throno e acompanha o monarcha para toda a parte, não podia deixar de ter numerosos e magnificos coches. E é sabido que os teve, como diremos mais abaixo. Todavia, apesar de ainda possuir bastantes coches antigos, nenhum se vê entre elles que possa comparar-se com os mais ricos dos nossos.

Existem, pois, ainda bastantes d'essas preciosas antigualhas no paiz onde menos se poderia esperar que se conservassem, considerando no terremoto que em

1755 destruiu Lisboa. Escaparam, porém, d'esse terrivel cataclismo em consequencia de se acharem as cocheiras reaes em sitios onde os abalos da terra causaram menos ruinas. Guardavam-se então nas cocheiras reaes do Calvario, edificadas por el-rei D. João v, e onde hoje ainda se acham alguns muito ricos, mas que ainda não foram restaurados.

Em o vol. v do *Archivo Pittoresco* publicámos, a pag. 187 e 206, uma noticia historica ácerca da invenção dos coches e da sua introducção em varios paizes da Europa, especialmente em o nosso.

Vamos agora tratar de alguns d'esses coches mais notaveis, offerecendo aos nossos assignantes as gravuras d'elles. A que adorna este numero é cópia fiel de uma photographia, e representa o coche que el-rei de Hespanha, Filippe v, deu a sua filha, a infanta D. Marianna Victoria, quando esta senhora veiu casar com o principe D. José, ao diante rei.

Ajustados em dezembro de 1728 os casamentos do dito principe D. José com a referida infanta, e do principe das Asturias, D. Fernando, filho de Filippe v, com a infanta D. Maria Barbara, filha del-rei D. João v, resolveram os dois soberanos da peninsula avistarem-se na occasião da troca das infantas.

Partiu de Lisboa a familia real portugueza no dia 8 de janeiro de 1729, atravessando o Tejo em direcção a Aldeia Gallega, e d'aqui por Vendas Novas, Montemór-o-Novo, Evora e Villa Viçosa, até á cidade de Elvas, onde chegaram aos 16 do mez, no mesmo dia em que a familia real de Hespanha havia entrado em Badajoz.

Foi o dia 19 o aprazado para o encontro e visita das duas côrtes, que se realisou em um sumptuoso edificio, construido de madeira, todo forrado de veludos, brocados de oiro e outras magnificas tapeçarias, feito expressamente para esta solemnidade sobre o rio Caia, no sitio em que serve de divisão ás duas monarchias, de modo que metade do edificio estava em territorio hespanhol, e foi levantada á custa do respectivo paiz, e a outra metade em territorio portuguez, e erigida á custa do soberano de Portugal.

Foram verdadeiramente maravilhosos o apparato e pompa do cortejo real com que os dois monarchas saíram de Elvas e Badajoz para o improvisado paço sobre o Caia. Ambas as côrtes rivalisaram no luxo deslumbrante do vestuario, no avultado numero e magnificencia dos coches reaes, na riqueza das librés, no acompanhamento innumeravel dos fidalgos, officiaes-móres e menores das differentes pessoas reaes, na infinita multidão de criadagem do serviço dos soberanos e principes, como tambem do das pessoas da côrte, no luzimento das guardas reaes e da cavallaria que fechava o prestito, em fim, em todo o genero de galas que se tem inventado para maior esplendor e magestade.

Já promettemos descrever com miudeza esta singularissima solemnidade, que bons milhões de cruzados custou ás duas nações. Ficará ainda para outra occasião o cumprimento d'essa promessa.

No dia 19 de janeiro effeituou-se, pois, a troca das princezas na presença dos dois soberanos e suas familias, e no dia 22 foram enviados de Elvas e de Badajoz os enxovaes pertencentes ás reaes noivas. Foi então que veiu para Portugal o coche representado em a nossa gravura.

Exteriormente é todo de talha doirada, com muitas estatuas allegoricas e mythologicas, de corpo e relevo inteiros, e infinidade de figuras de anjos e de leões, com muita diversidade de lavores ornamentaes em meio relevo. Nas portinholas avultam as armas reaes de Hespanha, que dois genios seguram, tendo aos pés dois leões rompentes coroados. O brazão d'armas é de excellente pintura. Nas outras divisões da caixa vêem-se em cada uma um escudo coroado, tendo no centro um M, tudo em relevo e doirado. É esta letra a inicial de Marianna, nome da princeza, mais tarde rainha.

O tejadilho é todo recamado de oiro, e guarnecido de vasos ou maçanetas de metal doirado. São da Bohemia, e, por conseguinte, do mais puro cristal, os grandes vidros que resguardam o interior do coche, que é todo forrado de mui ricos damascos bordados de oiro, com almofadas e armações do mesmo estofo.

Este coche dá uma idéa avantajada da perfeição com que, no reinado de Filippe v, se trabalhava em Madrid n'esta qualidade de obras, para as quaes concorriam tantos e tão differentes officios. Posto que não seja o mais rico dos coches reaes dos nossos soberanos, é magnifico, e, sem dúvida, um dos mais vistosos.

Depois de estar sem servir, mas cuidadosamente guardado no deposito dos coches reaes, ao Calvario, desde o fim do seculo passado, foi todo doirado de novo em 1862 para entrar no prestito real que conduziu suas magestades o sr. D. Luiz I e a sr.ª D. Maria Pia de Saboya desde a praça do Commercio até á egreja de S. Domingos, onde receberam as bençãos nupciaes, e d'ahi até ao paço de Nossa Senhora da Ajuda. Serviram n'esta esplendida funcção quatorze coches, que eram puxados, cada um, por quatro parelhas de soberbos cavallos os oito principaes, e os outros de muares. O coche da rainha D. Marianna Victoria figurou no prestito como coche de estado, ou de respeito, indo, por conseguinte, vasio.

Quando se andavam restaurando este e outros coches antigos, que serviram n'essa solemnidade, alguns jornaes de Lisboa, publicando esta noticia, deram corpo a uma opinião errada e absurda, que vogava entre alguns criados empregados nas reaes cocheiras, dizendo que um dos coches que se estavam preparando para o consorcio do sr. D. Luiz I pertencêra a el-rei D. Manuel. Deu origem a este erro a falsa interpretação da letra M, que se vê, como acima dissemos e a gravura o mostra, relevada e doirada em diversas partes do coche.

E o absurdo está, como já dissemos em outro logar, em que no tempo d'este monarcha, e nos dos reis, seus successores, D. João III, D. Sebastião e cardeal D. Henrique, ainda não havia o uso dos coches em Portugal. N'esses reinados, bem como nos anteriores, costumavam as pessoas reaes, homens e senhoras, ir a cavallo em todo o genero de solemnidades em que fosse mister atravessar alguma parte da cidade. Os primeiros coches que se viram em o nosso paiz foram os que trouxe a Lisboa Filippe II de Hespanha, em 1581, quando veiu consummar a usurpação d'este reino, recebendo dos portuguezes, mau grado seu, o juramento de fidelidade.

Os quatorze coches que actualmente figuram nos prestitos reaes, nas grandes solemnidades da côrte, guardam-se ao presente nas cocheiras reaes da calçada da Ajuda, ha pouco reedificadas. Tambem alli se acham alguns outros mui ricos e curiosos, pelos grupos de estatuas allegoricas, doiradas e de boa esculptura, que os adornam; os quaes foram transportados para alli das cocheiras do Calvario, para serem photographados, juntamente com alguns dos que estão restaurados, a fim de se remetterem as photographias á exposição universal de Paris, onde, com effeito, concorreram a par dos objectos de arte antigos enviados pelo governo portuguez.

A photographia, de que é cópia a gravura que vae no rosto d'este numero, pertence áquella collecção, devida ao trabalho artistico do distincto photographo, o sr. Gomes, e ás diligencias do sr. marquez de Sousa Holstein, intelligente e zeloso vice-inspector da academia real das bellas artes de Lisboa.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.

A VISITA DE LAFAYETTE AOS ESTADOS UNIDOS

NO ANNO DE 1824

É uma das mais bellas paginas da historia a lucta que os americanos inglezes sustentaram para conquistar a sua independencia. Precisamente na epocha mais critica d'esse duello heroico, uns poucos de francezes tomaram a resolução de ir ajudar um povo, que pretendia sacudir o jugo da metropole, tornar-se livre e constituir-se em nação independente. Entres esses francezes nobres avultava principalmente Lafayette. Dando de mão ás affeições de familia e ás seducções da corte, e vivamente inspirado pelo amor da gloria e da liberdade, foi offerecer á causa da revolução americana o apoio do seu nome illustre, da sua grande fortuna, do seu braço, da sua grande coragem, da sua dedicação illimitada.

Depois de fazer relevantes e assignalados serviços aos americanos, voltou Lafayette, o amigo intimo, o companheiro de Washington, á sua patria, onde o aguardava a temerosa *revolução franceza*. É bem conhecida a historia d'esse assombroso phenomeno politico, e não o é menos a particular de Lafayette. Assim, podêmos apressar-nos a chegar ao anno de 1824, em que o nobre defensor da liberdade pôde acceder aos convites instantes dos Estados Unidos, para que fosse visital-os, e receber as homenagens de um povo que desejava testimunhar-lhe a sua gratidão.

N'esse anno, pois, partiu Lafayette para os Estados Unidos, onde se demorou por espaço de quatorze mezes, recebendo em todas as povoações o acolhimento mais affectuoso e enthusiastico, e sendo em toda a parte tratado como hospede da nação, como amigo bemvindo e idolatrado (*Wellcome Lafayette*).

Não cabendo na estreiteza de um breve artigo acompanhar Lafayette em todas as suas digressões n'aquelle extensissimo paiz, descreverei apenas a sua entrada em Nova-York, seguindo as indicações de A. Levasseur [1].

Lafayette desembarcou em Nova-York no meio das acclamações de duzentas mil vozes, que saudavam e cobriam de bençãos a sua vinda. Os *guardas de Lafayette*, que traziam sobre o peito o retrato do general, formaram alas, e o foram acompanhando até á linha de batalha que as milicias estavam formando. Foi percorrendo a linha, e, á proporção que ia passando, cada corpo apresentava as armas e inclinava as bandeiras, todas adornadas de uma fita com a legenda: *Wellcome Lafayette*. Na extremidade da linha estava uma carruagem tirada por quatro cavallos brancos, na qual entrou o general para se transportar á casa da camara. No transito, todas as ruas estavam formosamente adornadas, e de todas as janellas choviam flores e coroas sobre o hospede da nação. Em chegando á casa da camara, no meio de innumeravel multidão que atroava os ares com phreneticos vivas, foi Lafayette recebido pela corporação municipal, e logo o presidente lhe endereçou o seguinte discurso:

— General! Como orgão das auctoridades e da população de Nova-York, venho exprimir-vos o prazer que nos causa a vossa vinda a uma terra, que em parte vos deve a sua felicidade, a sua liberdade.

— Os vossos companheiros de armas, dos quaes existe ainda um pequeno numero, não se esqueceram, nem os seus descendentes se esquecerão jámais do joven e bravo francez, que á defesa da sua causa consagrou a mocidade, o talento, a virtude; que arriscou a vida e derramou o sangue pelo seu bem-estar e pela sua independencia. Em quanto forem merecedores da liberdade de que estão gozando, recordar-se-hão de que abordastes a estas praias no momento mais tempestuoso da sua revolução, e de que não hesitastes em perfilhar a sua causa na occasião em que para esta não havia esperança... Decorreu já meio seculo desde que taes acontecimentos se effeituaram, e no discurso d'esse espaço de tempo tornou-se o vosso nome tão caro aos amigos da liberdade do antigo continente, como já o era aos do novo mundo.

— O povo dos Estados Unidos considera-vos como sendo um dos seus filhos mais queridos; e confio, general, que pelo seu procedimento hão de provar o quanto estão em erro os que asseveram que uma republica é sempre ingrata para com os seus bemfeitores. —

O general, profundamente commovido, exprimiu o seu reconhecimento. Começou então a desfilar a milicia, que antes havia formado em linha; e no fim conduziram Lafayette á grande sala onde estavam os retratos dos personagens a quem os Estados Unidos deviam serviços, e entre elles sobresaía o do hospede da nação. Abriram-se de par em par as portas da grande sala; entrou uma multidão immensa, e por espaço de mais de duas horas esteve Lafayette como que entregue á adoração do povo. «Mães de familias o rodeavam (diz Levasseur), apresentando-lhe seus filhos, e pedindo ao general que os abençoasse; e em conseguindo isto, os beijavam com maior ternura. Debeis velhos pareciam reanimar-se ao fallarem-lhe dos numerosos combates, em que haviam pelejado ao lado d'elle pela conquista da liberdade. Tambem os pretos vinham recordar-lhe, enternecidos, os esforços philanthropicos que elle empregára em differentes epochas para os recollocar na condição, d'onde ainda os repellem, em diversos paizes, detestaveis preoccupações. Muitos moços, que pelas mãos callosas e ennegrecidas mostravam pertencer á classe operaria, perfilavam-se diante d'elle e diziam: — Tambem nós somos do numero dos dez milhões que te devem a felicidade e a liberdade!...»

Paro aqui. Se fosse referir as demais scenas de enthusiasmo, de enternecimento, de entranhavel affecto, que o general Lafayette presenciou em Nova-York, houvera eu mister longas paginas, e ainda assim ficára muito áquem da expressão da verdade.

É força limitar-me ao pouco que disse relativamente a Nova-York, e abster-me, de todo, de fallar do que succedeu a Lafayette nas restantes cidades, villas e pontos diversos dos Estados Unidos.

Durante quatorze mezes teve Lafayette uma ovação continua n'aquelle paiz; e afoitamente posso asseverar que ainda sobre a terra ninguem foi tão feliz, como elle o logrou ser em quanto viveu no seio do povo americano, no decurso do indicado periodo de tempo!

Bem merecia tão elevada distincção, bem merecia tão affectuosas demonstrações de estima e reconhecimento, o mais sincero, leal e honrado defensor da liberdade, o nobre amigo do preclarissimo Washington. Mas... honra e gloria ao povo americano, que soube ser agradecido!

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

[1] *Lafayette en Amérique, en 1824 et 1825, ou Journal d'un voyage aux États-Unis; par A. Levasseur, secrétaire du général Lafayette pendant son voyage.* Paris, 1829.

APONTAMENTOS PARA A VIDA

E TRAGICA MORTE DO INSIGNE POETA BRASILEIRO ANTONIO GONÇALVES DIAS

(Vid. pag. 230)

III

Dando por concluida a sua missão na Europa, voltou Gonçalves Dias ao Rio de Janeiro em 1858, para recomeçar outros novos e importantes trabalhos. No intuito de contribuir á sua parte para o progresso das sciencias naturaes, conhecer e avaliar de mais perto os immensos recursos d'aquelle vasto imperio, e diffundir por todo elle os beneficios da civilisação, ha-

via o governo imperial decretado a nomeação de uma commissão scientifica, encarregada de explorar as diversas provincias, e proceder praticamente aos estudos para aquelle fim necessarios. Dividida em cinco secções, primeira de botanica, segunda de geologia, terceira de zoologia, quarta de astronomia e geographia, quinta de ethnographia, foram escolhidos para compor o pessoal de cada uma os homens tidos por mais competentes nas diversas especialidades. Da primeira foi nomeado chefe, assumindo juntamente as funcções de presidente da commissão, o conselheiro dr. Francisco Freire Allemão; da segunda o dr. Guilherme Schüch de Capanema; da terceira o commendador Manuel Ferreira Lagos; da quarta o primeiro tenente da marinha imperial Giacomo Roja Gabaglia; a quinta, a que tambem se ajuntava a coordenação e narrativa dos trabalhos da viagem, coube a Antonio Gonçalves Dias. A cada um d'estes chefes se deram por adjuntos outros individuos habilitados para bem os coadjuvarem no desempenho dos encargos commettidos ás respectivas secções. Dadas todas as providencias que pareceram acertadas para assegurar o bom e proficuo resultado da missão, partiram todos os nomeados do Rio de Janeiro em 26 de janeiro de 1859, dirigindo-se ao Ceará, provincia pela qual deviam começar as suas explorações.

Não é da natureza d'estes apontamentos alongar-nos em digressões para dar conta do andamento e progresso dos trabalhos da commissão, nem discutir se o seu resultado correspondeu, ou não, ao muito que devêra esperar-se da capacidade das pessoas que d'ella faziam parte. Menos ainda trataremos de indagar e expor quaes difficuldades ou impedimentos obstaram á conclusão d'esses trabalhos, que parece ficaram interrompidos e suspensos indefinidamente. Occupemo-nos só do que em particular diz respeito a Gonçalves Dias.

Por fins de 1860 veiu elle do Ceará ao Maranhão, e depois de visitar os amigos, e tomar o repouso necessario ás fadigas da viagem, emprehendeu explorar á sua parte o rio Amazonas e seus affluentes, consumindo n'essas investigações mais de seis mezes. D'alli voltou em dezembro de 1861, e, após a curta demora de alguns dias, seguiu viagem para a corte, onde o chamavam negocios da commissão scientifica.

Depois de tão trabalhosas e continuadas explorações, já pelas serras do Ceará, já pelos rios doentios da provincia do Amazonas, padecendo incommodos e privações de toda a ordem, e aggravados ainda estes trabalhos por outro a que teve de dar-se na corte, qual o de coordenar e escrever o relatorio que devia apresentar ao governo por parte da commissão, não era possivel que a saude do poeta, cujas forças physicas estavam mui longe de corresponder ás intellectuaes, deixasse de resentir-se profundamente.

E de facto, chegado ao Rio de Janeiro, não tardaram em manifestar-se as affecções morbidas no figado e pulmões, as quaes se foram successivamente aggravando, a despeito dos meios procurados pela medicina para combatel-as. Chegaram em fim a tal ponto, que, quasi desenganado dos medicos, resolveu ir acabar os dias na sua terra natal, e com esse destino embarcou para o Maranhão. Tendo, porém, aportado a Pernambuco em 19 de abril de 1862, preferiu, aconselhado da sciencia, emprehender antes uma viagem á Europa, na qual se lhe deixavam entrever esperanças de restabelecimento. Animado com ellas, passou no dia seguinte para bordo do navio *Condé*, que estava de partida, e seguiu n'elle viagem para o Havre.

Succedeu que durante a viagem fallecesse a bordo um passageiro; e, ficando o navio de quarentena no Havre, resultou acreditar-se em Pernambuco, sem mais exame, que fôra a victima o poeta. Divulgada para logo tão triste noticia, póde affirmar-se, sem receio de incorrer em exaggeração, que foi geral e profundo o sentimento de mágoa e lucto que ella inspirou por toda a parte. Não houve jornal brasileiro de cidade ou villa que não expressasse a dor publica em sentidos necrologios. Muitos jornaes portuguezes manifestaram por essa occasião eguaes sentimentos, lastimando a perda que o Brasil acabava de soffrer na falta de tão excellente e prestimoso filho. Chegaram a celebrar-se na capital do imperio e em outras partes officios funebres por sua alma com pomposa solemnidade! Teve, pois, Gonçalves Dias o raro prazer, se é que (como diz o seu biographo) n'aquelle espirito magoado podiam ainda caber sensações prazenteiras, de ser em vida testimunha da sua propria apotheose!

Infelizmente, os dias do poeta estavam contados, e a Providencia consentíra d'esta vez em adiar o golpe, para tornal-o dentro em pouco mais acerbo e pungente. A nova, por então falsa, não tardou em converter-se em funesta realidade, passados apenas dois annos, e, o que mais é, acompanhada de circunstancias tão lastimosas, como temos de ver no proseguimento d'esta tragica narrativa.

Apesar de entregar-se aos cuidados dos mais habeis e afamados praticos de França, da Allemanha e da Belgica, todos empenhados em salval-o, procurando por fim refugiar-se no benigno clima de Lisboa, o poeta foi empeiorando cada vez mais, até ver de todo perdida a esperança de recuperar a saude. Sentia que o seu fim se aproximava, e, recrescendo n'elle as saudades da patria, quiz dar ainda o derradeiro abraço aos seus amigos, e que as suas cinzas repousassem na propria terra que lhe servíra de berço.

Eis como a este proposito, nas vesperas da partida, se expressava em carta endereçada de Paris com data de 6 de setembro de 1864, ao seu antigo e predilecto amigo, o dr. Henriques Leal:

«Amigo A. Henriques. — Persuadido de que uma longa viagem por mar me ha de ser de algum proveito, resolvi-me a seguir para o Maranhão pelo Havre. Dizem-me que ha um navio a sair no dia 10 do corrente; se ha, vou n'elle. Em principios de outubro devo lá estar, se não ficar no mar. . . . .

«No caso de alguma catastrophe, *quod absit*, os retratos ficam para a bibliotheca. Os manuscriptos (cópias) manda-os para o Instituto.

«Tenho, não sei por quê, ainda esperanças que a viagem me fará bem: mas quando mesmo me dê mal, e muito mal, é mais que provavel que tenha ainda o prazer de te dar um abraço.

«Adeus. Lembranças a Theophilo, Rego, Pedro, e mil saudades do teu do coração — *Gonçalves Dias.*»

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

CARTAS AO MEU AMIGO XAVIER DA CUNHA

I

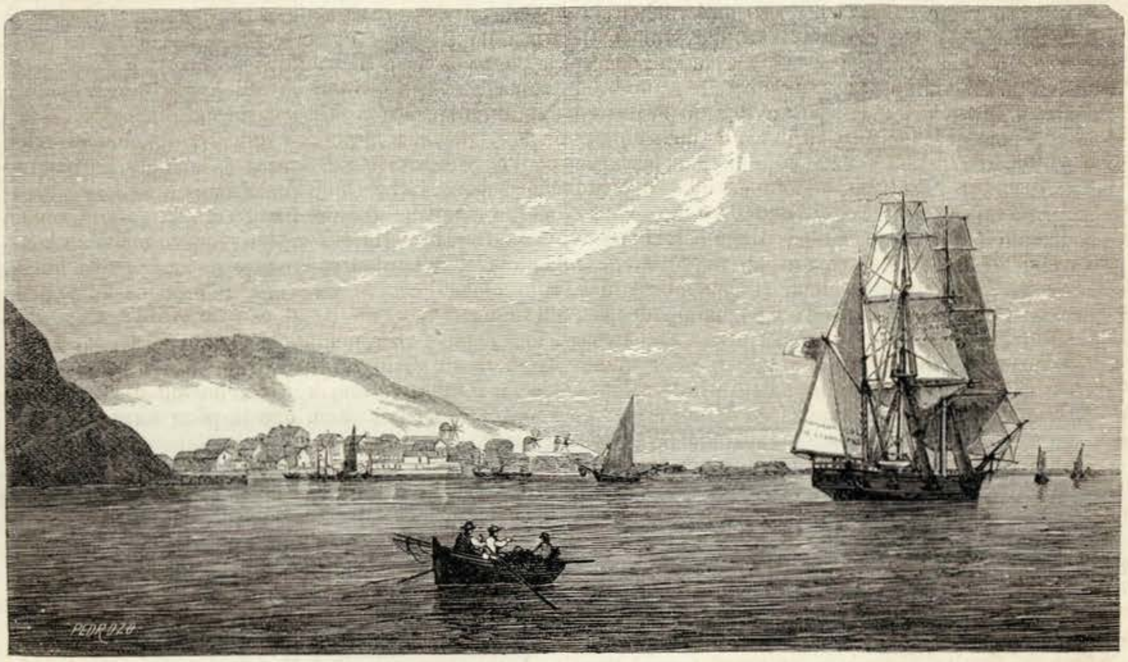
Introducção — Partida de Lisboa — Para a China pela Trafaria — Vista de terra e sensação que produz — A navegação — Caracter do marinheiro — A calma — Os inglezes em calma — O cabo das Tormentas — As aves do cabo — A poesia do mar — Os *Quadros navaes* do sr. Celestino Soares — O cheiro da terra — As ilhas da Oceania — Aspecto de Dilly — Impressão recebida ao fundear n'este porto.

Meu caro X. — Poucos dias antes da minha saida de Lisboa incumbiste-me de escrever-te dos remotos pontos que ia percorrer sobre o que mais ou menos digno de menção n'elles se me deparasse. Não me foi possivel cumprir como te promettêra; mas agora, ainda que tarde e já de volta, vou tentar desobrigar-me de algum modo para comtigo. Na serie de cartas, ora encetada, dar-te-hei conta de varias impressões colhidas, de differentes observações proporcionadas pela viagem e pela maior ou menor demora nos paizes onde me

achei, e de algumas considerações que umas e outras me suscitaram.

Não esperes das minhas cartas os adornos e a correcção indispensaveis n'um bem acabado trabalho litterario. Descuidadas na fórma, transumpto das reminiscencias e de poucas notas aqui e alli apontadas, hão de reproduzir-te á imaginação, no desalinho e na familiaridade da narrativa, aquelles demorados *cavacos* em que temos passado largas horas da nossa amigavel convivencia de tantos annos.

Não sei se te achaste alguma vez a bordo de um navio transporte proximo a levantar ferro para dilatada viagem *de cabos a dentro;* se presenciaste o borborinho que reina a bordo em taes occasiões, principalmente se numerosos passageiros laboram na fadigosa faina de se alojarem e estabelecerem no que lhes vae ser morada de mezes. Na barca *Martinho de Mello*, proxima a suspender no dia 19 de outubro de 1865, com destino para a China e escala por Timor, com quanto navio de guerra, onde os processos militares do serviço regularisam e modificam necessariamente a desordem que aliás se daria, não era ainda assim pequena a algazarra e a balburdia. Imagina um contingente de 160 soldados, quasi todos no convés de um navio pequeno, fallando, gesticulando, acotovelando-se, estranhos á sua nova habitação, admirados do espectaculo, para grande numero d'elles novo, do interior de um navio. Junta a isto o movimento da guarnição empregada nos differentes misteres do serviço, a recepção de bagagens e encommendas, numerosas embarcações miudas atracadas ao navio e conduzindo os que vão ao bota-fóra dos viajantes, e terás figurado mais ou menos proximamente o cháos que vae a bordo em tal occasião. Mas n'este



Vista da Trafaria — Saída da barca *Martinho de Mello*

cháos consegue a disciplina militar restabelecer de um momento para o outro a ordem, quando é necessario que a manobra prompta e systematica solte o navio da pêa que o vinculava ao fundo, offereça a commodidade das velas á directriz do vento, e obrigue assim a cortadora proa a começar a sua derrota.

Para um espirito observador e curioso de physiologia social, não é de todo perdida uma scena d'estas. Na diversidade dos typos que se observam nos barcos atracados ao navio, n'aquella variegada galeria grupada alli pelo acaso, ha assumpto para exame e para estudo. De um bote da Ribeira Nova, que largou do portaló, o tabaqueiro encarnado de um abbade minhoto desfralda-se n'um saudoso adeus ao sobrinho soldado que vae servir em Macau. Veiu á capital o bom do velho a dar a benção de despedida, e um cabedal de poucos cobres e de bons conselhos ao rapaz, que o recrutamento fez soldado, e a inepcia leva para o ultramar. Pela escada do portaló desce a passo grave a rotundidade de um merceeiro, cujo trajo *de ver a Deus e ir á urna* denuncia a solemnidade da occasião, e que foi levar a bordo o filho. Farto de aturar-lhe as extravagancias em Lisboa, manda-o para Macau á procura de riqueza. Aqui a modesta esposa do artista de bordo; alli a espadaúda moçoila que, n'um bote ao largo, agita o bordado lenço branco em sentido adeus ao gageiro grande; e em tudo isto que typos e feições tão diversos não encontra alli o escalpello do analysta!

Suspende o navio o ferro, começa a dirigir-se para a barra rebocado por um vapor, e, soprando o vento exactamente do caminho a seguir, torna a fundear em frente de Paço d'Arcos.

Se ha circunstancia que aggrave profundamente a pungente situação do que sae da patria para viagem de longo curso, é esse permanecer alli, á vista da terra, dos logares a que o vincula a saudade, onde ficam os que lhe são caros, sem adiantar um passo na dilatada peregrinação, condemnado pelos elementos a um novo supplicio de Tantalo!

O lindo panorama que a margem direita do Tejo, vista do meio do rio, em frente de Paço d'Arcos, dominado pelo palacio da Ajuda e pelo zimborio da Estrella, offerece ao viajante, n'aquelles tres dias que alli permanecemos, era para todos um espectaculo de mágoa e de saudade.

Na tarde de um d'esses dias fui com tres companheiros de viagem, n'um escaler do navio, saltar na margem esquerda, n'um ponto aonde nunca tinha ido. Movia-nos a curiosidade de vermos a Trafaria, povoação que não conheciamos, e procuravamos uma distracção, que tão necessaria nos era na situação do-

lorosa em que a vista da cidade de Lisboa nos conservava.

Se nunca foste á Trafaria, não ficarás de certo muito adiantado ácerca d'ella pelo que eu te disser a seu respeito, que bem pouco será. Pobre povoação de pescadores, onde, como em todas as da beira-mar, o rapazio accusa uma fecundidade genesica diversamente explicada, nada apresenta notavel que provoque a attenção do viajante. Pobre e modesta como é, está, comtudo, muito mais adiantada em construcções, hygiene publica e policia municipal, do que uma colonia que possuimos ha seculos, e de que no decorrer d'estas cartas terei occasião de te fallar.

Da Trafaria ficou-me gravado na memoria um bello typo de homem, uma excellente cabeça, digna de ser reproduzida na téla pelo pincel de Rubens ou de Wan-Dyck. Quando, cercados por numeroso bando de rapazes, percorriamos as ruas da povoação e a punhamos em alvoroço pela estranheza que a grande parte d'aquella pobre gente causava o nosso uniforme, tratámos de indagar se haveria um botequim, uma botica, ou outra qualquer casa accessivel em que podessemos entrar. D'entre os rapazes, um, que se arvorou em guia, prometteu conduzir-nos á loja do Francisco Parola. Depois de andarmos ao longo de duas ou tres viellas, deparou-se-nos n'uma esquina uma casa de venda, escura e acanhada, diante da qual o nosso guia, parando, exclamou: «É aqui». O nosso desapontamento foi grande; o rapaz tinha-nos supposto provavelmente subditos de sua magestade britannica: estavamos á porta de uma taberna! Quando nos dispunhamos a retribuir o equivoco com alguns sopapos, e a retirar-nos, saiu á porta saudando-nos, de barrete azul na mão, o dono da casa, ancião respeitavel, de cabellos nevados fluctuando-lhe sobre a testa rasgada e alta, onde as rugas venerandas da edade, desenhadas em dois sulcos perfeitamente parallelos, imprimiam um cunho de magestade que nos impressionou. Aquella cabeça elegante, e erguida a prumo, apesar dos annos, sobre os hombros largos e ainda robustos; o ar ao mesmo tempo severo e prazenteiro com que o homem se nos apresentou, inspiravam, de certo, um bello vulto de Daniel a um pintor privilegiado.

Tinha sido marinheiro o bom do velho, e a sua sympathia pela gente do mar o trouxe á porta a comprimentar-nos logo que viu o nosso uniforme. Com que enthusiasmo nos fallou das suas viagens *de cabos a dentro!*

Era uma chronica maritima. Falleceu-nos, porém, o tempo para conversarmos á vontade com elle. Despedimo-nos saudosos de Francisco Parola, que, ao dar-nos a *boa viagem*, nos declarou que mesmo assim, alquebrado pelos annos, ainda se sentia com animo para subir á verga a rizar uma gavia debaixo de tempo.

Não era a primeira vez que eu saía a barra de Lisboa, e, por conseguinte, não era completamente nova para mim a impressão dolorosa de deixar pela pôpa aquella imponente rocha de Cintra, morro notavel para os navegantes que demandam ou deixam o porto de Lisboa, e que, como diz o nosso Duarte Nunes de Leão, «ao que a vem buscar causa grande alegria quando começa de apparecer, e que causa grande tristeza e saudade aos naturaes que vão para fóra, quando lhes começa a desapparecer da vista». Mas ainda me não tinha ausentado d'este cantinho abençoado da peninsula vendo entre a partida e o tornar a avistal-a o decurso de tantos mezes!

Não tento descrever-te o que se sente em taes occasiões; não é apenas superior ás minhas forças, é impossivel traduzir-se em linguagem humana: é uma sensação que a musica, fórma da arte eminentemente superior á linguagem, poderá talvez fazer imaginar, mas que a prosa e a poesia, sejam de quem forem, são impotentes sequer para esboçar.

Sem fazer injustiça aos que nunca transpozeram os limites da patria que os viu nascer, parece-me que o amor patrio, verdadeiro amor que rala e consome, só o sente brotar vehemente e impetuoso o que sae do paiz obrigado pelas circumstancias ou pelo infortunio, sem probabilidade de o tornar a ver por largo espaço. E lá fóra, quando o navegante, cançado de ver por longos dias apenas ceo e mar, avista, ainda incerto pela neblina do horisonte, o pincaro de terra estranha, é ainda o amor da patria, revelado na saudade, o sentimento que lhe absorve todas as expansões do espirito.

A pena de degredo será a mais excruciante de todas as penas, para aquelle a quem o crime tiver deixado ainda no coração algumas fibras que se contráiam por um instincto generoso.

E depois ir avistando, á medida que nos afastâmos da nossa terra, differentes pontos que são nossos, onde se hasteia a nossa bandeira, onde deixaram memoria indelevel os nossos antigos navegadores! Passar á vista da Madeira, e, correndo depois para sudoeste, ir passar á vista de Santo Antão de Cabo Verde, que saudade pela terra que nos foi berço, que respeito e que orgulho pela recordação do que fomos!

Foi por uma formosa manhã de 4 de novembro, como costumam ser ás vezes as manhãs de inverno em a nossa Lisboa, que começámos a avistar a arrumação d'aquella ilha por barlavento da proa. A voz do vigia «terra pela proa» causa sempre uma impressão agradavel a bordo, embora essa terra esteja longe, muito longe, como n'este caso, do primeiro ponto onde deve tocar o navio. Qual é a razão de ser da commoção que experimenta o viajante ao avistar a Madeira, se o navio não o leva lá, mas a Loanda? Por que me impressionou agradavelmente o enxergar a ilha da Trindade, se eu não ia pisar terra senão em Timor?

Será porque, marco milliario, a terra á vista lembre ao viajante o numero de graus decorridos da sua mais ou menos longa derrota? Não é, de certo. Todos os dias pelo calculo da navegação sabemos em que logar nos achâmos, sem experimentar commoção nem abalo. Muitas vezes deseja-se passar á vista de uma ilha, embora a satisfação d'esse desejo importe no atrazo de um ou mais dias na derrota.

A meu ver, a razão physiologica da sensação que a vista de terra sempre causa ao navegante, está na incompatibilidade do bom exercicio do organismo e das faculdades do espirito com a vida do mar. Effectivamente, eu não creio que haja um individuo que, durante uma longa viagem, se ache no pleno uso das faculdades physicas e moraes. Quando a saude se não resinta manifestamente da longa ausencia da terra, uma certa inaptidão para os trabalhos intellectuaes e mesmo para os physicos, a nostalgia, o aborrecimento dos outros, de si, da vida mesmo, denunciam evidentemente que o homem na solidão do Oceano está fóra dos elementos para viver, nos quaes a natureza o destinou, está affrontando na tarefa audaz da navegação a harmonia entre elle e o resto do mundo creado. E d'ahi este aspirar para a terra habitavel, esse movimento do espirito ao divisal-a no horisonte!

(Continúa) João de Lacerda.

HOSPITAL REAL

NA VILLA DAS CALDAS DA RAINHA

Ninguem ha que, encontrando um templo, um palacio ou outro qualquer nobre edificio, não deseje, depois de reparar na sua fórma e estructura, saber o nome do auctor; sendo assim que a historia de um é sempre necessaria ao melhor conhecimento do outro: por quanto em todas as suas obras deixa o ho-

mem estampado o cunho privativo do seu caracter peculiar, e ainda, não poucas vezes, o da sua especial posição e circumstancias. Este sentimento, proprio da curiosidade que nos é natural, torna-se muito mais vehemente quando o edificio a que attentámos nos traz á lembrança recordações insignes.

A villa das Caldas da Rainha é situada no declive de uma collina. Fica a 70 kilometros para o norte da cidade de Lisboa. Os seus arredores são amenos, arborisados e abundantes de caça. Outr'ora era donatario a casa da rainha. Fez-se o descobrimento das suas aguas thermaes pela maneira seguinte:

Passando um dia a rainha D. Leonor [1], mulher del-rei D. João II, da villa de Obidos para a da Batalha, viu onde hoje é a *copa* uns pobres enfermos a banharem-se em uns charcos. Mandou-lhes perguntar o motivo por que se banhavam; e a resposta que deram a sua alteza foi dizer-lhe ser aquella agua excellente para curar varias molestias e feridas, o que já todos pela experiencia conheciam. A rainha, que padecia de um peito, mandou buscar uma pouca d'esta agua, e, molhando-o, sentiu refrigerio na sua molestia: por este motivo mandou logo chamar el-rei seu marido, ao qual encontraram no logar onde hoje se chama *Tornada*, pois que logo voltou para traz sabendo das melhoras da rainha, e em memoria d'isto mandou erigir um padrão [2].

Tomou a rainha D. Leonor alguns banhos d'esta agua, e achando-se com grandes melhoras, resolveu fundar n'aquelle sitio um hospital para os pobres, mandando logo povoar esta terra com alguns moradores no anno de 1488. Para este effeito vendeu todas as suas joias, e applicou as suas tenças para a dotação d'este pio estabelecimento. Fez-lhe um compromisso, assignado a 18 de março de 1512, confirmado por el-rei D. Manuel por carta de 22 de abril, e approvado por um breve do papa Julio II, passado em Roma, e dado á execução pelo arcebispo de Lisboa, D. Martinho da Costa, a 5 de maio do mesmo anno.

Foi entregue o governo d'este hospital aos conegos seculares de S. João Evangelista (vulgò Loyos), seguindo-se depois ficar sujeito ao tribunal da mesa da consciencia e ordens, depois das visitas ordenadas por el-rei D. Sebastião em 1572; porém, por alvará del-rei D. José, de 20 de abril de 1775, foi abolida a administração dos referidos conegos, e reservado ao seu real conhecimento, pela secretaria de estado dos negocios do reino, tudo a elle concernente; e em quanto ás contas da receita e despeza, e mais administração da sua fazenda, ficou pertencendo ao inspector geral do real erario pela contadoria geral da corte e provincia da Estremadura.

Era a sua administração composta de um provedor, administrador e presidente; tres deputados, servindo um de thesoureiro e outro de contador da fazenda; de um juiz executor e de um escrivão da executoria; dois medicos e um cirurgião.

Consistia o rendimento d'este hospital nas jugadas de pão e oitavos de vinho da villa de Obidos e seu termo; nos quartos dos tres Reguengos, Grande, do Chão da Parada e de Traz do Outeiro; no rendimento da cêrca e horta do hospital; no juro de 100$000 réis cada anno assentado no real d'agua dos vinhos do senado; e em trezentos e quatorze foros de prazos.

Achando-se el-rei D. João V a uso de banhos nas Caldas em maio de 1747, se começou por sua ordem

[1] Nasceu a 2 de maio de 1458, sendo filha do infante D. Fernando, duque de Vizeu, mestre das ordens de Christo e S. Thiago, e condestavel do reino, e de D. Beatriz. Casou em Setubal a 22 de janeiro de 1470. Faleceu em Lisboa a 17 de novembro de 1525. Jaz no claustro do mosteiro da Madre de Deus, de que fôra fundadora no anno de 1509. E foi esta rainha a que approvou a nobilissima irmandade da misericordia, no anno de 1498, instituida por fr. Miguel de Contreras, religioso trino, seu confessor.

[2] Que ha poucos annos ainda se conservava.

a reedificação d'este hospital, pelo risco e desenho do famoso brigadeiro Manuel da Maia [1], que tambem foi o superintendente das obras; obrigando-se os mestres, que a tomaram á sua conta por medição, a concluil-a em dois annos, e lhe mandou el-rei fazer uma consignação de dois mil cruzados por mez. Tornando el-rei D. João V ás Caldas em outubro do referido anno de 1747 [2], mandou accrescentar a consignação, pondo-a em quatro mil cruzados por mez [3].

A frontaria do hospital olha para a parte do poente, e é composta de dois pavimentos. O superior tem tres janellas de cada lado, e tres no corpo saliente que fórma o centro; o inferior tem tres de cada lado, e a porta principal com duas janellas no mesmo corpo saliente, em cujo tympano da cimalha se acha collocado um grande medalhão de marmore, onde se vê representada a Annunciação de Nossa Senhora. Entrando-se por esta porta, se observa do lado esquerdo a botica, e do direito a serventia dos dois banhos para os homens, e na frente o corredor que termina com a casa da *copa*, em cujo centro está o *pocinho*, d'onde se tira a agua thermal para beber; e entre este e a parede fronteira se acha collocada a grande mesa em que se repartem as rações dos enfermos. N'esta parede, em uma grande lapida coroada do escudo das armas reaes portuguezas, se lê a seguinte inscripção:

Joannes Quintus
Lusitaniæ Rex vigesimus quartus
Benevolentia, et charitate motus
Hanc Thermarum hospitalissimam
domum
Instaurare á fundamentis,
Et decentius augere jussit
Ad maius egrotantium commodum
Anno Redemptionis MDCCXLVII.
Et in triennio absoluta conspicitur:
Leonora Regina
Regis Joannis II *dilectissima Conjux,*
Construxerat et ordinaverat,
Solicité, liberaliter, et religiosé
Anno Domini MCCCCLXXXVIII.
Ambo misericordes
Ambobus Deus retribuet.
Fruere, hospes,
Imitare quantum potueris,
Et non pœnitebit [4].

Ao lado direito da inscripção está a porta da enfermaria dos homens, e ao lado esquerdo a das mulheres. Do mesmo lado, fronteira ao *pocinho*, se acha a escada pela qual se desce para os dois banhos das mulheres; e entre esta e o corredor está a cozinha do hospital.

Ha n'este hospital seis enfermarias de homens com as seguintes dedicações: S. Francisco, S. Camillo, S. João de Deus, Santo Amaro, Nossa Senhora do Populo; e camarotes, cada um com seu enfermeiro e um ajudante. As enfermarias das mulheres são duas, Santa Clara e Santa Isabel, cada uma com duas enfermeiras e duas ajudantas. Tem mais uma porteira dos banhos e enfermarias, e um porteiro, que tem obrigação de fechar e abrir as portas, e tirar agua do *pocinho* e ministral-a aos doentes. A casa da con-

[1] Fallecido em 17 de setembro de 1768. Jaz sepultado na casa do capitulo do ex-convento de S. Pedro de Alcantara.

[2] Pela duodecima vez.

[3] El-rei D. João V já no mez de julho de 1743 havia mandado fazer quatro carros de um novo e admiravel invento, levando cada um vinte pessoas com boa accommodação, e entregou estes ao provedor da misericordia de Villa Franca de Xira, d'onde os doentes, depois de desembarcarem, principiavam a jornada por terra para a villa das Caldas. E para que nada lhes faltasse, fez fabricar em Villa Franca um proporcionado logar em que elles se recolhessem, e juntamente uma casa de hospital, e outras mais em Otta, Cereal e Sancheira, para commodo e descanço dos doentes.

[4] Hoje, infelizmente, já se não compõem estas bellas inscripções latinas! A resposta é obvia.

valescença, que foi começada pelos bens doados por Manuel de Mattos e Sousa, commendador da ordem de Christo e capitão-tenente da torre de Outão, no anno de 1706, tem um enfermeiro e uma enfermeira para os convalescentes.

Por detraz d'este hospital se acha a egreja matriz, com a invocação de Nossa Senhora do Populo, fundada no anno de 1488 e acabada em 1502, a qual foi reedificada por el-rei D. João V, que a reduziu a uma magestosa fórma [1]. Por baixo do mostrador do relogio da torre estão as armas da rainha, sua régia fundadora, e no fecho das sineiras se vê, de um lado, esculpida uma rede, em que lhe trouxeram seu filho, o principe D. Affonso, que morreu na ribeira de Santarem, correndo em um cavallo, que caíu com elle, em uma terça-feira de tarde, 12 de julho de 1491, tendo 17 annos de edade. Era este principe casado com a princeza D. Isabel, filha de D. Fernando e de D. Isabel, reis de Hespanha. Do outro lado da sineira está um pelicano ferindo o peito para sustentar do seu sangue os filhos — allusão á caridade d'esta piedosa rainha, que vendeu as suas joias a seu irmão, el-rei D. Manuel, para dar sufficientes rendas para sustentação dos pobres no hospital das Caldas.

Abrem-se os banhos d'este hospital a 15 de maio e fecham-se a 31 de outubro. É prohibido admittir doentes que não tenham molestias proprias para serem curadas pelo uso d'estas aguas thermaes; e para conhecimento da propriedade da applicação, era antigamente obrigado o medico assistente a escrever nas linguas portugueza e latina as suas observações, em um livro que se lhe entregava, e a quem se não pagava o salario annual sem mostrar as que tinha feito no decurso do anno [2].

No dia 15 de maio, dia da abertura do hospital, acceitam-se os doentes avulsos; no dia 10 de junho os soldados da provincia do Alemtejo; a 2 de julho os da corte e provincia da Estremadura; em 24 do mesmo mez a primeira conducta da santa casa da misericordia de Lisboa [3]; em 17 de agosto a segunda; e em 10 de setembro os criados da casa real (era esta a praxe). Os enfermos que se curam por conta do hospital tomam os seus banhos primeiro que os de fóra; e por isso ás 7 horas da manhã já devem estar os banhos desimpedidos.

Ha defronte d'este hospital um bello passeio publico para recreio [4].

A respeito das aguas thermaes das Caldas da Rainha escreveram o dr. F. da Fonseca Henriques, Julio Maximo de Oliveira Pimentel e outros. ABBADE DE CASTRO.

[1] E tambem mandou edificar de novo a ermida do Espirito Santo, onde se estabeleceu a Ordem Terceira de S. Francisco; e renovou as egrejas de Nossa Senhora do Rosario (hoje demolida) e S. Sebastião, ornando-as de quadros.

[2] Mui judiciosa era esta determinação.

[3] Deixaram de ir estas conductas ha poucos annos.

[4] Actualmente n'este hospital se tem feito alguns melhoramentos. Louvor seja tributado a quem competir.

O HOMEM ORIGINAL

Vêdes aquelle homem que ergue a cabeça tão alto e caminha com um passo tão firme? O desprezo assoma-lhe aos labios e a vaidade revela-se-lhe na ampla fronte; este homem, cheio de si proprio, parece olhar para todos com piedade. Cada qual tem dito: é um critico severo, é um reformador, é um salvador da patria; o que existe, assim como o que tem existido, não lhe convem por modo algum. Antigas ou modernas, todas as theorias não valem nada para elle; mas se conhece o mal, conhece tambem o remedio. D'aquella fronte enrugada e carregada saírá a organisação que deve regenerar tal sociedade ou tal nação; aquella fronte, de que Minerva se lançará armada de ponto em branco, é a fronte de Jupiter; e as azas de pombo, que o acompanham, são as azas do genio. Este homem é, pois, o que se chama um *original*.

E aquell'outro, que não é nem orgulhoso nem modesto, que não traz a cabeça nem levantada nem abatida, e cujos olhos mui abertos não vêem o que se passa em roda de si nem aos pés, porque ao mesmo tempo tropeça em uma pedra e em um transeunte; est'outro que se nos figura pensar profundamente em alguma coisa, e não pensa provavelmente em coisa alguma, porque se esqueceu de lavar o rosto e escovar o fato; que será, não nos dirão?

Outro que não pensa nem escreve senão por meio de algarismos; que procura durante a vida a quadratura do circulo no comprimento das ruas, e julga encontral-a a cada passo, embora, segundo os seus calculos, tenha mais de um milhão de vezes posto um pé adiante do outro sem encontral-a; tambem é um *original*.

E aquelle, cuja figura muda a cada instante de apparencia, e que, na sua preoccupação, passa tão bruscamente da andadura precipitada a uma serenidade absoluta? Ora, fallando só, agita os braços como um prégador ou comediante; ora os cruza e se conserva silencioso como um philosopho ou um ideologo: alternadamente declama e medita. É, portanto, um homem que rumina um melodrama em verso ou uma epopéa em prosa: é, por certo, ainda um *original*.

E aquelle que se agita ao longe entre dois sujeitos que altercam, e que discute com ambos, depois de ter tomado o partido contra cada um d'elles; aquelle que tem sido successivamente do parecer de todos, e acaba por não ser da opinião de ninguem, nem da sua quando não tem diante quem possa contradizer? Aquelle é tambem, sem dúvida, como os demais, um verdadeiro *original*.

É incontestavelmente um *original* o sujeito que similhar outra coisa, quando se veja a attenção que presta a tudo que o rodeia: não são os discursos que ouve, mas as inflexões da voz, que regista logo em um caderno de papel que o acompanha para toda a parte. A sua pretenção é achar a melopea antiga que, segundo elle, ainda existe na accentuação natural.

E este senhor que vêdes apear da carruagem, de botas e esporas, que tem trinta palafreneiros e nenhum cocheiro, e oitenta cavallos e sua mulher anda a pé, não póde deixar de entrar em o numero dos *originaes*. Em todas as grandes cidades ha d'estes *originaes*.

Tal era a conversação que tinhamos ha dias com um d'esses homens que conhecem todos e a quem todos conhecem, e que elle proprio se considera *original*, o que prova que não toma a palavra no sentido absolutamente desfavoravel: nem nós tambem. Mas acaso nos ligâmos a esta mesma idéa? De certo, não.

Todos os homens que nos apontam como *originaes* differem dos outros por alguma feição caracteristica; mas, porque differem dos outros, serão esses homens realmente *originaes*?

Um *original* não é sómente, em nosso entender, o homem que não tem modelo, mas tambem o homem que póde servir de modelo; um *original* não é unicamente o que não imita pessoa alguma, mas tambem o que todos deveriam ou poderiam imitar. Ora que interesse haveria em imitar os homens que são apenas distinctos pelos ridiculos que os acompanham?

Um homem que se não póde assimilhar a outro não é *original*, se ninguem quer parecer-se com elle.

La Fontaine e Montaigne, por exemplo, não se parecem a nenhum outro escriptor. Quem poderia assimilhar-se-lhes?

Demos, portanto, aos homens e ás coisas os nomes que lhes pertencem; usemos das palavras com o seu verdadeiro sentido, que muitas vezes se deturpa irreflectidamente, e não chamemos *original* ao homem que é *singular*.